

# Stadium

N.º 135 ★ 4 DE JULHO DE 1945 ★ PREÇO 1\$50



Cardoso e Cabrita lutam pela bola com o costumado ardor. Manuel Marques, Palmeiro e Lourenço (êstes dois encobertos), acorren ao lance

O futebol português não foge à regra. Em todos os países, a época fecha com um campeonato do sistema a eliminar. Torneios que, diferentemente dos que são em *poule*, não se arrastam enervantemente, vivendo de meia dúzia de golpes, rápidos e impiedosos. Que têm, como girândola derradeira e de efeito, um desafio que se chama *final*, o qual, sendo, na essência, uma contenda como outra qualquer, aparece aos nossos olhos como um jogo diferente de todos, com singular encanto e emoção única. As  *finais*  são sempre grandes manifestações. A partida das Salésias ilustra a afirmação.

Porque há um elemento extrínseco ao Jogo, e que se chama Sorteio, o qual, caprichosamente, favorece uns e prejudica outros, acontece muitas vezes, em semelhantes torneios, chegarem ao fim clubes que, nos campeonatos com a característica da regularidade, não passaram de modestas posições. Este ano, a Taça de Portugal, que já nos tem acostumados ao imprevisível, deu-nos a grata surpresa da presença do Olhanense no desafio de temporada. Felizmente que assim acontecia. Deixámos, ao menos, o mando tão nosso conhecido, e por vezes já um pouco fastidioso, dos consagrados.

A maior parte dos vaticínios eram a favor do Sporting. Naturalmente. Dado o fundo e a maior categoria da equipa. E também isto, que pesa muito na balança do futebol: estar de um lado um grupo que tem por hábito ganhar sempre ao outro. Porque, caso curioso, os algarvios só não levaram ainda a melhor com a gente leonina. Mas a favor da vitória do Olhanense militavam várias razões que, em síntese, se podem referir da seguinte maneira. Enunciá-las é, de resto, apresentar elementos valiosos para podermos apreender, em toda a sua extensão, aquilo que se passou nas Salésias.

O Olhanense, não tendo topado no caminho adversários fortes, chegava a Lisboa relativamente fresco e com as suas energias bem despertadas e tonificadas. Ao passo que o Sporting, com uma meia-final que fica na história, chegava à meta visivelmente extenuado. Acrescia ainda que, estando castigado Peyroteo, e pôsto fora de combate, por assim dizer, Jesus Correia, todo o conjunto se deveria ressentir de males tão graves. Tinham razão uns e outros. As desgraças sportinguistas nivelaram ainda mais as forças niveladas. O resultado dependeria muito de um golpe de sorte... Na realidade, assim acontecia. A sorte inclinou-se para o Sporting, o único que conseguia marcar, e precisamente numa altura em que o seu adversário já não podia responder. Faltavam uns escassos minutos. O *team*, que, de modo geral, tinha sido saplantado pelo seu adversário, veio afinal a ganhar, e não se pode dizer que imerecidamente. A sorte auxiliou-o, é certo. Mas o desafio das Salésias é daquela espécie muito conhecida em futebol — em que qualquer dos adversários pode vencer.

Por felicidade, o jogo disputou-se em terreno relvado. Caso contrário, com o vento que soprava, estranho e variável, não se sabendo ao certo quem era o favorecido ou o prejudicado, não teria graça nenhuma. Que, mais uma vez ficou provado não ser nada fácil jogar contra o vento, com a obrigação de dominar tão perigoso adversário.

O Olhanense não se deixou intimidar pela categoria do adversário, nem pela sua fama, apresentando-se disposto a dar a melhor medida das suas possibilidades. Há muito se sabia que os algarvios assentam o seu futebol em bases sólidas, como sejam a velocidade, a energia e uma prodigiosa actividade, que lhes deu foros, em todos os tempos, de adversários temíveis. Mas o que ainda nem toda a gente sabia, e ficou agora sabendo, é que o Olhanense joga e faz futebol, no sentido de coordenação de esforços e ligação de movimentos. O *team* não nos aparece quebrado, com altos e baixos, células valiosas e outras de somenos valor, mas surge-nos com equilíbrio notável em todas as suas partes componentes, dando-nos, assim, a nota característica que marca e define os grandes *teams*.

Quere dizer: o grupo não vai para o campo à aventura, mas disposto a abrir a cartilha e a explicar várias lições do jogo. Essa explicação surge através do domínio de bola dos seus componentes, e da rapidez e perícia com que todos os golpes são executados. É claro que isto só se consegue com certa média de jogadores de *classe*, se bem que alguns deles se destaquem nitidamente. Pelo menos, um. Num orfeão, em que a disciplina de conjunto é absolutamente imprescindível, também há os que cantam a *solo*, e isso não tira harmonia ao referido conjunto.

A primeira parte foi sensivelmente equilibrada. Jogou-se num campo e no outro, com empenho. Todavia, mesmo nos períodos de domínio, o jogo sportinguista saía mais desligado, excepção para alguns movimentos da fase inicial, realmente de bom jogo, mas carecendo de calma no remate. Mas isso é escusado pedir. Já se sabe que, dificilmente, um jogador português, com a bola nos pés mas em más condições de remate, por limitação do ângulo em que a bola poderá entrar, a dará a um companheiro que, em frente das rédes, isolado e sem ninguém a apoquentá-lo, a enfiaria pela certa nas balizas. Ou ainda que haverá um remate forte, quando uma bola colocada seria fatal para o adversário.

Ao jogo de melhor combinação por parte dos algarvios corresponderam também os remates de melhor direcção, destacando-se uma autêntica *preciosidade* do avançado-centro, que, batendo na trave alta, ressaltou para o terreno sem outras consequências que não fosse

## SPORTING VENCEDOR DA TAÇA EM 1945

# UMA "FINAL" de impressionante beleza e de resultado indeciso até o fim

### A tarefa dos "teams" e dos jogadores

#### CRÓNICA DE TAVARES DA SILVA

atacante. A bola era recebida por um avançado, dominada de pronto e depois jogada com rapidez desconcertante para o companheiro em sítio mais cómodo, numa successão de golpes ligada pelo chamado fio de jogo.

É certo que o Olhanense nunca pôde descerrar a defesa, mesmo porque, em galopes, os avançados lisboetas se davam a incursões, e algumas delas com perigo. Mas não é menos verdade que o jogo algarvio era eminentemente de ataque. Nem sequer se podendo acasar a avançada olhanense de falta de remate, pois alguns pontapés saíram com esplêndida direcção e força suficiente. Mas estava nas balizas leoninas a guarda-rédes. Um homem que, quando em tarde, só se deixa bater pelo golpe fulminante, sem apelação possível.

Uma das coisas mais curiosas no *team* algarvio é o facto de, num futebol rápido e fresco, de boa inspiração, não se ter perdido o sentido da marcação, na técnica moderna a que os algarvios aderiram.

Já o mesmo não sucedeu no Sporting, e daí a grande razão da sua desorganização. O *team* quebrou nitidamente pela linha média. Isto não significa que os médios não tivessem lutado, pondo na luta todo o seu entusiasmo. Simplesmente, eles cometeram um erro tremendo esquecendo-se da vigilância, unidade por unidade, de cada homem do ataque inimigo. De sorte que, na eterna luta daquele que ataca contra o que defende, e em que as forças estão normalmente distribuídas com igualdade, sucedeu que o ataque algarvio foi sempre mais poderoso, em virtude de vários jogadores se encontrarem à vontade, libertos da vigilância, com oportunidades para fazerem tudo que lhes apetece. Só o não fizeram porque o *trio defensivo* sportinguista, em tarde grande, destas que ficam gravadas a letras de ouro, resistiu a todas as investidas, anulando as idéias e as iniciativas mais perigosas ou mais bem desenhadas.

O Sporting alinho: Azevedo, Cardoso e Marques; Lourenço, Barrosa e Nogueira; Jesus Correia, Armando Ferreira, Veríssimo, Albano e João Cruz.

Azevedo esteve um portento, não tendo um deslize ou má intervenção. Com golpe de vista e agilidade magníficos, Cardoso e Marques constituíram uma parrelha segura. Cardoso fez jogadas primorosas, daquelas que só uma pessoa que sabe jogar muito bem pode fazer. Marques, com intervenções fulgurantes de rapidez e oportunidade. Lourenço foi um belo operário, não repondo um instante; no entanto, raramente conseguia *passar* em boas condições. Barrosa deu-nos uma das suas piores exhibições, vagueando no terreno sem encontrar o seu *sítio*. Nogueira, diligente, na sua maneira, viu-se e desejou-se para não ser dominado pela velocidade e pela maior garra do homem que lhe competia marcar (consideramos indesculpável a sua violenta *entrada*). Jesus Correia, fortemente *handicapado* com a sua lesão, fez apenas esta pequenina coisa — marcar o *goal* do triunfo. De Armando Ferreira, de quem nos tinham dito maravilhas, apregoadas, de resto, em letra de fôrma, é cedo ainda para falar. Não realizou em todo o desafio um dos seus famosos passes com o pé contrário. Veríssimo deu-se generosamente à luta, mas é evidente que a tarefa era superior às suas possibilidades. Albano, que poderia ter desempenhado um excelente papel de ligação, embora num lugar para que não está fadado, por virtude das suas condições físicas, não conseguiu transformar-se nessa utilidade. João Cruz, trabalhador (o que nele é notável), foi sempre perigoso, mas de remate com o seu quê de loucura.

O Olhanense apresenta: Abraão; Rodrigues e Nunes; João dos Santos, Grazina e Loulé; Moreira, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Palmeiro.

Abraão inutilizou, num ápice, na jogada de que resaltou a derrota, todo o seu excelente trabalho anterior. Rodrigues, forte e feio, como convém a um defensor, deu-nos, a par de coisas boas, várias intervenções inferiores. Nunes portou-se muitos furos acima do seu companheiro. João dos Santos foi o melhor algarvio no terreno. Já outro dia, contra o Atlético, a sua figura se destacara. É um elemento que sabe o que faz, que não perde a posição no terreno e que axilla estapadamente os seus companheiros. Grazina também se conduzia com merecimento. Loulé nitidamente abaixo dos outros médios. Moreira tem categoria para se tornar notado: rapidez e domínio, devendo, no entanto, variar mais os seus golpes. A força de repetir a mesma coisa, o adversário já sabe o que ele vai fazer. Joaquim Paulo, apesar de não suportar o embate duro, é um *interior* à maneira moderna. Cabrita, eis a grande figura do grupo, com toques preciosos, passagem excelente e remate em conformidade. Salvador jogou menos do que seria lícito aguardar, mas revelou-se um bom avançado em tantíssimas ocasiões. Quanto a Palmeiro, afigura-se-nos que está a desempenhar um lugar para o qual tem pouca vocação.

Enfim, a Taça de Portugal está em poder do Sporting. Decididamente, o Algarve não a quis...



# NO MUNDO DA BOLA



## PELO "Jornalista DESCONHECIDO"

### NOVA ORGANIZAÇÃO DO FUTEBOL PORTUGUÊS

I

**S**OBRE a eliminação, pura e simples, dos campeonatos distritais—já está dito o suficiente. O seu desaparecimento facilita a resolução do problema, tornando possível a estrutura de dois campeonatos importantes e ligados um ao outro. Dois campeonatos que, por diferentes no seu fundamento, se conjugam perfeitamente. É toda uma época, bem ordenada, permitindo mais cuidadosa atenção a vários aspectos do futebol português.

Pondo de lado essa questão, encontramos-nos imediatamente no âmbito de outra, tanto ou mais importante: a constituição da Primeira Divisão do Campeonato Nacional, tendo como base a ideia do alargamento.

Quais e quantos concorrentes devem constituir-la? No Projecto (se projecto existe, por enquanto) figuram catorze clubes.

Escolha justa? O critério tem graves defeitos. Com um ano de transição, legislando-se agora, o ponto de partida não seria viciado. Assim, manifestamente que o é.

Todavia, mesmo aceitando o critério, por absoluta necessidade, projecta-se fazer o que realmente se deveria? A escolha serve o futebol português?

### Corre que...

Jogando sem Barrosa—o Sporting perdeu contra o Benfica no seu campo do Lumiar. Jogando com Barrosa—o Sporting venceu duas vezes seguidas. Aca-so, dir-se-á... Talvez.

Temos o Bilbao campeão de Espanha. E na posse definitiva da Copa Generalíssima. O Valência foi um excelente finalista, perdendo no último minuto. O mais curioso é que o estádio de Montjuich não se encheu.

O relatório apresentado pela Direcção do Benfica dá bem a nota da zelosa administração clubista: um saldo positivo de 685.835\$25 em 18 meses de gerência é qualquer coisa de notável!

Os bons árbitros também arbitram mal. Pedro Escartín, que dirigiu a final de Espanha, é acusado de uma segunda parte demasiadamente má.

Julgamos saber que a organização dos árbitros vai sofrer algumas modificações. Na próxima constituição dos quadros, dirigentes e dirigidos.



Teixeira em acção Eis um magnífico instantâneo do Portugal-Suíça, em Basileia. Fotografia inédita e que publicamos com o maior prazer, pois ela dá-nos uma imagem harmoniosa e de alto relevo sob o ponto de vista técnico.

Atentai bem no trecho que se apresenta: no equilíbrio do conjunto e no bom recorte das figuras, excelentemente detalhadas. Teixeira, firmando-se no pé contrário e com o braço direito erguido para manter o equilíbrio do corpo em difícil posição, executa uma passagem comprida, fleclindo o pé esquerdo o mais possível, na boa escola do Jôgo.

Quantas vezes se tem dito que Teixeira, agora em foco por causa da questão com o treinador do seu clube, é um jogador de estilo feio e desengraçado. Mas uma imagem destas, tão prodigiosa de harmonia e tão perfeita nos seus movimentos, só pode ser dada por um homem de classe. Não concordem?

### Há resposta para tudo...

P. 76.— Qual foi ou é melhor: Manuel Marques ou Gaspar Pinto; Peyroteo ou Vítor Silva; Azevedo ou Roquete. (De Manuel Nunes, um sportinguista da Beira Baixa).

R. 76.— Gaspar, Vítor Silva e Azevedo. A dúvida está no segundo dilema.

P. 77.— Quantos sócios têm actualmente o Benfica, o Sporting e o Belenenses?

Exceptuando o Azevedo, qual o melhor keeper do país presentemente?

Quais os clubes de Lisboa que têm mais adeptos? (Águia Egípcia).

R. 77.— Já outro dia responde-mos a esta pergunta. O Benfica é o que tem mais associados, de longe.

Há dúvidas. O Capela é o de mais futuro.

Benfica e Sporting.

P. 78.— Porque não cortámos ainda as relações desportivas com a Espanha?

P. 79.— De que têm eles medo, e porque vieram ao atletismo? (De um que não gosta dos espanhóis).

R. 78.— Não há conveniência, nem razões que justifiquem tão grave medida. Pelo contrário, deve-se, e cada vez mais, trabalhar no sentido de manter as

boas relações desportivas—lão úteis—entre os dois países.

R. 78.— Ninguém gosta de perder... Também não vieram ao atletismo, embora a modalidade não gere as paixões do futebol.

Atenção—Como vê, modifiquei-lhe a assinatura. E não posso, como também calculará, responder à sua 3.ª interrogação...

P. 80.— Madueño, antigo guarda-rêdes do Carcavelinhos, ainda pratica futebol?

P. 81.— Já está designada a data para o encontro da Taça Império? Onde se realiza? (De Um Brigantino).

R. 80.— Se não estamos em erro, Madueño está actualmente em Tôrres Novas, onde joga.

R. 81.— A disputa da Taça Império ficou adiada para a próxima época. Trata-se de um jôgo que se disputará sempre no Estádio Nacional.

P. 82.— Qual é o grupo melhor: Sporting ou Benfica?

P. 83.— Qual é melhor: Rosa ou Azevedo? (De J. do Nascimento Horta, de Vila Real de Santo António).

R. 82.— Sensivelmente iguais. R. 83.— Azevedo é, por enquanto, o melhor guarda-rêdes nacional.

P. 84.— Pelo telefone ouvi a seguinte conversa, ou por outra,

### Idéias próprias e alheias...

Outro dia, no *Norle Desportivo*, focava-se um aspecto da função seleccionador com muito interesse. Dizia-se que, meltidos no futebol da capital, os seleccionadores, regra geral, não podem fazer um idéia perfeita de vários elementos da Província.

A observação é exacta. Ainda há poucas horas, por verdadeiro acaso, a transmitimos ao seleccionador, nosso companheiro Tavares da Silva. E firámos com a impressão de que ele já havia meditado no assunto—encontrando a boa solução. Ou uma solução...

A demissão de O'Connell de treinador do Sevilha tem despertado vivos comentários em Espanha.

O'Connell, numa entrevista, afirma categoricamente o seguinte: *Que não pôde melhorar grandemente o Sevilha por não haver jogadores adquiríveis em nenhuma parte.*

Tanta coisa isto nos sugere...

A propósito: O'Connell, treinador inglês, tem dado as maiores provas de competência no vizinho país. Não seria útil em Portugal, agora, que se encontra desempregado? Aqui deixamos o alvitre para os clubes que precisem de treinador—e que disponham de fundos suficientes.

só consegui ouvir uma das pessoas que discutiam e que era com certeza benfiquista, pelo seguinte:

1.ª—Garantia que Gaspar Pinto tinha ficado muito ferido devido à agressão de Peyroteo!

Eu também assisti ao jôgo, o caso passou-se perto de mim e não vi nenhum ferimento.

Qual é a sua opinião?

2.ª—Afirmou que o árbitro Vieira da Costa nunca deveria ser aceito pelo Benfica, porque quando vem arbitrar qualquer jôgo a Lisboa se hospeda sempre em casa de Jorge Vieira! Isto será verdade?

P. 85.— Porque será que sempre que o Sporting está a ganhar, há "mosquitos por cordas"? (De Eduardo Pedro Franco, do Belenenses).

R. 84—1.ª—Gaspar Pinto ficou com uma leve equimose, segundo nos informaram. Nós tivemos também a impressão de que não tinha havido ferimento.

2.ª—Os clubes, em boa regulamentação, não podem rejeitar os árbitros. Jorge Vieira é bom amigo de Vieira da Costa, mas não ligue importância alguma ao resto.

R. 85.— Nem sempre...

### "FLECHA"

é a melhor bicicleta

Stadium

# SUBSÍDIOS para a HISTÓRIA do PUGILISMO em PORTUGAL

COORDENAÇÃO DE *Rafael Barradas*

## VI

O combate de Basílio de Oliveira com Tobias Pinto Xavier, amador brasileiro de passagem por Portugal e algumas vezes campeão inter-escolar em Inglaterra, constituiu a nota saliente do campeonato. Naquela noite de sexta-feira o Salão da Trindade achava-se pleno de espectadores, que tinham comparecido na sua maioria para presenciar o choque dos dois pugilistas.

Tobias foi o primeiro a subir ao «ring» e a assistência ovacionou-o longamente. Vinha de semblante sereno, envergando calção preto listado a branco, com as cores do Clube Internacional de Futebol. Depois entrou Basílio de Oliveira, que recebeu furtos aplausos. Vestia calção branco e, à cinta, o distintivo do Ateneu Comercial. Os dois adversários cumprimentaram-se cortezamente e apertaram a mão do árbitro, Nicol Mac Nicoll.

Na sala, enquanto se realizavam os preparativos, fez-se profundo silêncio. O nervosismo do público andava no ar. As luvas são sorteadas, os fotógrafos disparam e, por fim, são o timbre.

Os adversários deixaram os «cantos» e acercaram-se um do outro. A guarda de Tobias é cautelosa, indicando as preocupações defensivas do brasileiro: pernas abertas, tronco descaído atrás e as partes do corpo mais sensíveis escudadas pelos punhos. Basílio, ao contrário, inclina-se à frente e conserva as luvas ao mesmo nível, oferecendo o tronco e a cara à coíbe do adversário.

Após um primeiro assalto, lento e preenchido de fintas, Basílio executa com o punho esquerdo victioso ataque ao tronco. Tobias defende e, em seguida, o marasma e a hesitação voltam a reinar. De ambos os lados há falta de iniciativa, embora menos de Basílio que de Tobias. O terceiro assalto tem feição igual e o público, sempre ansioso, pensa que se passará em breve algo de terrível e inusitado. Realmente, o 4.º assalto tem mais animação. Basílio continua a atacar e a ameaçar, embora sem entrar a fundo. Tobias limita-se a bloquear ou esquivar as tentativas, mas, de repente, reage e aplica um golpe da direita com força. Basílio encaixa bem e não dá parte de fraco. De um lado e de outro parece temerem-se. O fim do assalto chega quando ambos procuram realizar uma abertura em condições.

O 5.º assalto passou-se todo em fintas e esquivas. O 6.º pertenceu a Xavier, que colocou um golpe bom e seguiu no ataque, proporcionando a Basílio oportunidade de brilhar nas mais desconcertantes esquivas. Do 7.º ao 10.º afrouxaram os ímpetus. Xavier compreendeu que tinha na sua frente um adversário hábil e perigoso, cuja técnica era idêntica à sua. Por isso não se expôs. Basílio, conhecedor do poder de golpe de Xavier, preferiu atacar frouxamente, aguardando as iniciativas do antagonista. No fim, após um combate monótono e que desiludiu, o árbitro levantou a mão de Basílio em sinal de vitória.

Fôra escassa a diferença de pontos entre os dois boxeadores, mas as iniciativas de melhor factura pertenceram, indubitavelmente, ao português.

Os partidários dos dois jogadores não ficaram a tifeitos com o resultado. Xavier pediu logo desforra, que lhe foi concedida, e a 9 de Maio de 1915, na sala do Ginásio Clube Português, defrontaram-se de novo os dois desportistas. O Clube Internacional de Futebol ofereceu uma taça para ser disputada por ambos, já que o título de Campeão de Portugal, ganho por Basílio no torneio de Março, não podia ser pôsto em jogo.

Desta vez a luta foi em 15 assaltos e Tobias, merecidamente, ganhou a decisão.

No conjunto, o domínio pertenceu marcadamente a Basílio no 6.º, 11.º e 13.º e a Tobias no 5.º, 14.º e 15.º assaltos. Nos demais, houve sensível equilíbrio, mas a iniciativa pertenceu quasi sempre ao amador brasileiro. Basílio, que em Março se mostrara mais activo e empreendedor, preferiu desta vez aguardar os acontecimentos.

A decisão de Nicol Mac Nicoll satisfaz a crítica e um jornalista da época sintetizou assim o espectáculo:

«Quanto ao jogo foi monótono, porque não passou de ataques da esquerda (de Tobias) que Basílio esquivava e aos quais respondia, quasi invariavelmente, com *uppercuts*.

«As características dos pugilistas acentuaram-se uma vez mais: Tobias extremamente rápido e duro; Basílio admirável nas esquivas, duas delas tão a-propósito que o seu adversário, lançado velozmente no ataque, foi a terra com o balanço que levava.»

No fim do encontro Tobias declarou à imprensa: «Contava ganhar porque me tinha preparado para isso. A minha vitória não foi portanto surpresa para mim. O meu adversário demonstrou conhecimentos de sobre sobre o jogo de box.»

Basílio foi menos expansivo e publicou a sua discordância quanto à decisão com as palavras seguintes:

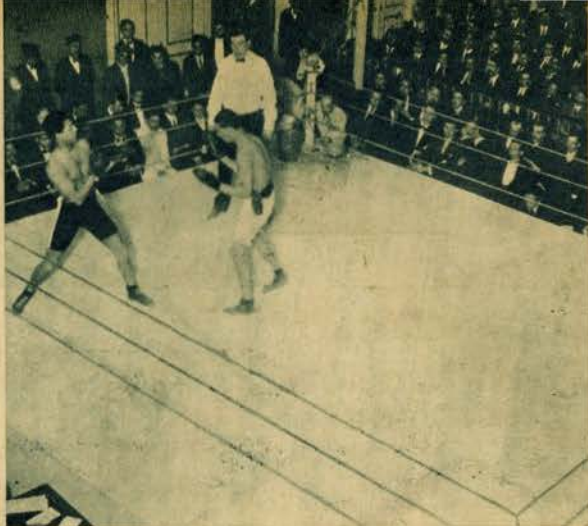
«O árbitro deu a decisão ao meu adversário, que combateu muito bem, mas o vencedor moral fui eu.»

A concorrência havia sido enorme, aplaudindo as peripécias do match com calor e atenção.

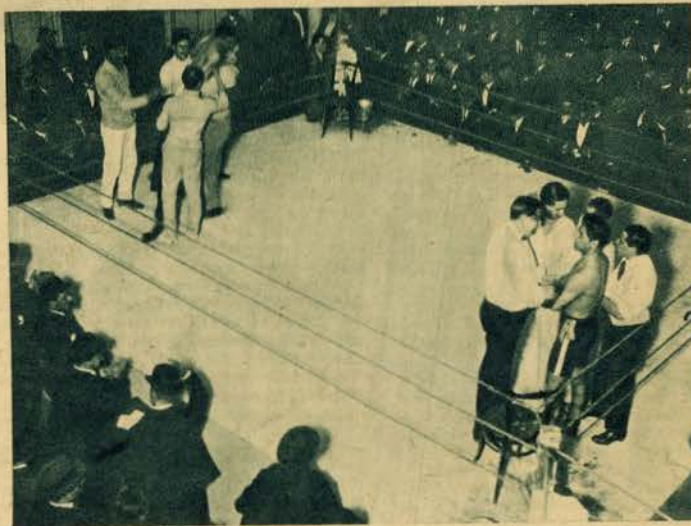
Ainda se pensou, dada a circunstância de haver, de cada lado, uma vitória — em organizar outro combate, para resolver em definitivo o pleito. Infelizmente, o amador brasileiro abandonou Portugal por motivos de interesse pessoal e não foi possível efectuar esse terceiro match.

Depois desta pugna em «duas mãos» o pugilismo amador entrou numa efervescência desusada. O principal clube onde essa actividade se fazia sentir era o Ateneu Comercial de Lisboa, impulsionado por Basílio de Oliveira e seus pupilos.

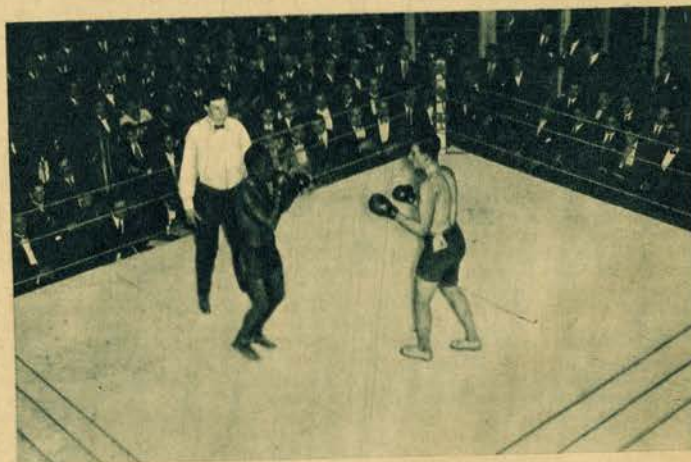
A 18 de Julho realizou-se naquela agremiação, pelas 21 horas, um «saraú pugilístico». O campeão dos «meio-leves», Miguel Machado, e o dos «leves», Plácido Montelro, efectuaram uma exhibição.



No combate entre Basílio e Tobias, durante o primeiro assalto (eliché Garcia)



Após a vitória, Basílio é levantado em triunfo (eliché Garcia)



No combate a que fizemos referência na crónica anterior, António Cardoso e Oocar da Silva medem-se antes de cair a fundo (eliché Garcia)

Em seguida combateram José da Silva Ruivo e Herculano Rodrigues, que (como se disse atrás) ganhara o título dos «meio-médios» no torneio da Federação, sem competidor, por motivo de doença de Ruivo. Ao 3.º assalto a superioridade de Ruivo era manifesta e Rodrigues desistiu.

O festival terminou com um assalto demonstrativo entre Basílio e o seu discípulo Fernando Augusto de Oliveira, uma «tôrre» com 1,80 metros e 102 k de peso, mas cuja passagem efêmera pelo boxe não foi mais além do que isso.

Pouco mais ou menos nessa época chegou a Lisboa um peso pesado americano, duro e rude, cego de um olho (ou quasi, conhecido por Blink Mac Closkey.

(Continua)

# O TIRO DE ARCO

*está a ser praticado  
pelas senhoras do*

## GIÁNASIO CLUBE

**U**M grupo de senhoras do Gímnasio Clube Português — friso galante que cultiva o desporto — apresentou-se numa modalidade que entre nós não tinha ainda praticantes: o tiro de arco, que o decorrer dos tempos tornou função de desporto, cultivado pela mulher, que recebeu a idéia e lhe emprestou a sua graciosidade, como exercício inofensivo — e magnífico.

As suas atitudes de energia sabe a mulher dosá-las com elegância, ao mesmo tempo que põe à prova, admiravelmente, o principal por menor técnico d'este desporto: serenidade e concentração, de permeio com atento golpe de vista. Dos seus arcos disparam as setas certeiras, que vão cravar-se no alvo de círculos coloridos, a um mínimo de 15 metros de distância.

O tiro de arco — que é dos desportos favoritos da mulher americana — tem nas gentis senhoras do Gímnasio Clube Português as suas primeiras praticantes em Portugal. Foi recebida com agrado e entusiasmo esta iniciativa, que a Federação do Tiro Nacional secundou com muito interesse.

A apresentação, que as gravuras que ilustram esta página focam expressivamente, foi feita na sala «Luís Monteiro», do velho e prestigioso instituto de educação física, com a presença dos srs. dr. Ayala Botto, inspector da D. G. D., coronel António Real e capitão



1 — Bela atitude de Maria C. Gulmarões;  
2 — A vencedora, D. Angelina V. Guerra;  
3 — O dr. Alala Botto ensaia o tiro de arco;  
4 — O sr. coronel Francisco Real, presidente da F. N. T. P., ao fazer entrega do arco e da flecha;  
5 O gentil grupo de praticantes de tiro de arco no Gímnasio Clube: D. Angelina V. Guerra, D. Maria L. Pedroso, D. Maria C. Gulmarões, D. Maria A. Anjos, D. Blandina Cruz e D. Maria E. Ribetiro

Guerra, da Federação do Tiro, major Jorge Oom, presidente do G. C. P., Alfredo Cruz, director da secção de tiro do Gímnasio, convidados e imprensa.

As senhoras do Gímnasio souberam merecer os aplausos que lhe foram tributados no decorrer do curioso torneio, interpretando com verdade o significado do título que foi dado a esta primeira competição do tiro de arco: Prova JUVENTUDE.



# O CENTRO ESPECIALIZADO DE ESGRIMA DE LISBOA VAI DESDOBRAR-SE EM SECÇÕES

PARA FACILITAR AOS FILIADOS DA M. P. A PRÁTICA DO DESPORTO DAS ARMAS

**E**STAMOS nas galerias do amplo ginásio da «Casa da Mocidade». Os alunos do Centro Especializado de Esgrima de Lisboa da M. P. encontram-se em plena actividade.

As instalações, sem serem as ideais para uma sala de armas, aceitam-se... Há boa luz. Respira-se. É certo que os professores do Centro habituaram-se a produzir trabalho profícuo em quaisquer condições. Não saíram das suas mãos aquêles rapazes, alguns dos quais já campeões, preparados na cave do palácio de São Domingos, mas que representaram com incedível brio a esgrima nacional quando defrontaram os jovens mas fortes atradores da «Jeunesse Française»?

Sente-se que se mantém no grupo de professores e alunos o espírito de actividade de Mestre Campos de Andrada. A vida do Centro está intimamente ligada ao seu nome, ao seu trabalho probo, competente. Foi o seu primeiro director e, quando ascendeu a mais alto cargo dentro da Mocidade, nem por isso deixou de estar sempre presente.

Desta vez, o nosso objectivo era ouvir o capitão Mário de Figueiredo, actual director desta sala de armas da Mocidade Portuguesa. É um esgrimista conhecido, de valor, que começou a praticar o magnífico desporto nos Pupilos do Exército, recebendo lições do major Luiz Alberto de Oliveira — figura ilustre de desportista e também atrador de muita valia. O capitão Figueiredo fez-se depois mestre de armas na Escola de Esgrima do Exército, mas durante muito tempo não deixou a sua actividade na prancha, obtendo boas classificações em torneios civis e militares. Interinamente, dirigiu o Centro de Lisboa da Mocidade desde 1942. Foi nomeado este ano director efectivo. Tem sido também professor da Associação dos Pupilos, do Ateneu Comercial e da activa Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico. Está ainda indigitado para a sala de armas da F. N. A. T., cuja abertura se anuncia para breve.

É um oficial distinto, como atestam alguns louvores muito honrosos para a sua carreira de militar. Os rapazes da Mocidade continuam bem entregues!

Fomos à «Casa da Mocidade», dissemos, com o objectivo expresso de obter do director do Centro de Esgrima a confirmação de um «boato» — magnífico «boato» este! — que nos chegou: o Centro ia dar maior expansão à sua actividade, com a abertura de algumas secções disseminadas por pontos diferentes de Lisboa.

A iniciativa seria ótima. A esgrima atravessa crise inegável e verifica-se que o trabalho das sa-

las, talvez por pouco coordenado, não tem produzido «gente nova». Assim, a Mocidade, por via das



Cap. MÁRIO DE FIGUEIREDO

condições especiais que a caracterizam neste campo, continua a ser o «viveiro» de esgrimistas — no qual há que depositar as melhores esperanças em relação ao futuro.

O capitão Mário de Figueiredo prontifica-se a falar para a *Stadium*. Ouve-nos e começa as suas informações com um comentário: — Este Centro de Esgrima da Mocidade conquistou já belas tradições... Por consequência, tem as responsabilidades inerentes, que considero sérias.

Uma pausa e prossegue: — Tivemos sempre o prazer de registar carinho especial, da parte de todos os Comissários Nacionais da Mocidade, pela actividade dos esgrimistas desta organização. Mas o major Gomes Marques, delegado provincial da Estremadura, tem ainda mais que carinho: possui verdadeiro entusiasmo.

«Ora notámos certa quebra de interesse dos filiados, traduzida na menor frequência do Centro. O trabalho, desenvolvido com a boa vontade de sempre, produzia menos resultado... O major Gomes Marques pôs a questão de tentar um remédio: desdobrar o Centro de Lisboa em diversas secções, que funcionariam nos locais mais populosos de filiados, como por exemplo o Liceu de Camões.

«Se a população da Mocidade

corresponder a esta medida com a sua frequência, verificando-se interesse e obtendo-se bons resultados práticos, iremos para os outros extremos de Lisboa: Al-gés e Poço do Bispo.

Confessamos também o nosso entusiasmo pela idéia e lembramos a conveniência de fazer dela esgrima, portanto — a necessária propaganda entre a juventude. Afinal, a essência da sugestão estava já prevista:

— Não ficaremos por ali... Para começar, pelo que toca aos liceus de Pedro Nunez e de Passos Manuel, bem assim as escolas, como a de Rodrigues Sampaio, organizaremos sessões especiais, com palestras e demonstrações de assalto e «plastron», tentando enraizar o gosto pela esgrima, pósto que diremos e exibiremos a sua excelência como desporto.

— Dispõe dos instrutores ne-

cessários para esse plano? — interrompemos.

— Por enquanto, disponho. O Centro possui seis professores. Se começarmos com duas secções, que naturalmente exigirão dois mestres para cada uma, ainda a sede do Centro disporá dos dois restantes, aos quais há que adicionar o meu concurso.

— Tem esperança no bom êxito da iniciativa?

— Sim! Compreende... Basta que os rapazes da Mocidade venham até nós com o seu bom interesse. Estou convencido que muitos não cultivam a esgrima — desporto que os seduz deveras — pelo facto de viverem longe do local da sua prática.

«Mas tenho sobretudo forte esperança de que se melhora muito em quantidade, pósto que da qualidade não me parece lógico falar já. Esta medida deve dar resultados para o desporto das armas na Mocidade — e portanto para a esgrima nacional, pela qual a M. P. já tem feito trabalho de relevo incontestável.

Depois, comentando ainda esta faceta da actividade da Mocidade no desporto:

— De entre as inúmeras manifestações desportivas que merecem a atenção desta Organização Nacional, são de desvanecer os resultados conseguidos na esgrima

## DUAS NOTAS POR SEMANA

### EM PORTUGAL

*A ordem superior que obrigou os dirigentes do atletismo espanhol, depois de já feitas as despesas de*

*viagem e apesar das diligências solucionatórias da Delegação Nacional de Desportos, por intermédio do seu prestigioso chefe (conforme informações telefónicas directas que forneceu o secretário da F. E. A., Manuel Segurado), é para os desportistas portugueses um mistério e uma desilusão. Quanto às suas consequências, podem considerar-se definitivas, pois encerram de maneira deplorável um curto período de auspiciosos projectos.*

*O espírito público — não devemos esquecer que já vem de longe a afirmação que vox populi, vox Dei — não encontrará outra explicação, para a súbita reviravolta no respeito aos seus compromissos por parte dos poderes superiores do desporto espanhol, além da certeza de uma derrota ante os resultados verificados nos campeonatos regionais lisboetas.*

*No entanto, em todos os países do mundo, os dirigentes, quando discursam, afirmam que desporto não é apenas ganhar, que não há vencido nem vencedor, e outros balofos lugares comuns que os actos se encarregam depois de desmentir.*

*Podemos, nesta triste emergência, proclamar, contudo, e com segurança, que os atletas de Lisboa bateram os seus camaradas de Madrid de maneira insofismável, como antes de eles os futebolistas do Porto haviam derrotado os da Galiza: por abandono e reconhecimento antecipado de inferioridade técnica.*

### NO ESTRANGEIRO

*Em todos os países da Europa, ressurcido na aspiração de uma vida construtiva de paz e de trabalho, o desporto retoma os seus direitos, nunca interrompidos mas forçadamente atenuados pelas circunstâncias; compelições nacionais, campeonatos, amistosos encontros entre desportistas de nações diversas associam, assim, nos seus poderosos elos, o esforço de renovimento das juventudes e os propósitos de aproximação pacífica pela camaradagem gerada na alegria despreocupada de responsabilidades nacionalistas das pugnas desportivas.*

*Em sincronismo do mesmo ritmo deve desenvolver-se também a actividade portuguesa, procurando-a em todos os países do nosso continente — onde a hospitalidade tradicional lusitana, a correcção e o desportivismo dos seus representantes conquistaram firmes simpatias, que se traduzem nalguns casos em saudoso desejo de realçar relações. A França, a Suíça, a Bélgica, a Inglaterra são novos campos para onde se podem voltar as nossas primeiras atenções, sem a preocupação restritiva de diferenças de classe, porque os resultados nunca nos importaram para continuarmos briosamente na luta (ainda este ano aceitámos com jubilo defrontar a Espanha em futebol). O que procuram os portugueses na internacionalização desportiva é — dentro do melhor espírito de isenção — estímulo para progredir, ensinamentos de quem tenha maior experiência e, sobretudo, a confirmação de amizades que mais significativamente se traduzam do que por palavras.*

# O SÉTIMO TORNEIO NACIONAL DO FUTEBOL CLUBE DO PORTO

ma. Tenho orgulho em verificar que, por mais de uma vez, foi sublinhado o facto da Mocidade apresentar nas melhores competições nacionais, inclusivamente nos campeonatos de Portugal, atradores feitos nos Centros, que começaram cá, que cá se fizeram esgrimistas fortes, sem utilizar a mínima parcela de trabalho alheio.

«Pode dizer-se que a Mocidade cultivava o desporto das armas, de tão belas tradições no País, inspiradas nos exemplos colhidos na história desde os nobres tempos das leis da cavalaria.

O director do Centro de Esgrima foca a seguir um aspecto interessante do ambiente da esgrima na Mocidade:

— Caso curioso: sem selecção prévia, mas simplesmente pelo espírito que encerra este desporto, entre os esgrimistas da Mocidade os que mais brilham e mais dedicados se revelam, os que têm conquistado melhor nome, como filiados, no desporto nacional, são também os melhores estudantes ou os que possuem apurmo moral magnífico. Recordo-lhe Patrício, Napoleão, Fonseca Dóres, Carlos Cardoso, Paiva e Pona, Gouveia Franco, Edmundo Franco, Castro Bizarro e outros, que conhece bem. Como bons filiados da Mocidade e como bons esgrimistas, distinguem-se na vida, dentro das diversas facetas da sua actividade. Posso afirmar que a permanência nesta sala de armas de bom número de rapazes lhes cultivam as suas qualidades de carácter...

«Devo confessar, aliás, que é este o aspecto que os Centros da Esgrima da Mocidade devem possuir. O desporto, na sua verdadeira essência, tem de ser uma escola de carácter. Através de to-

CONCLUÍU há pouco mais de uma semana o sétimo campeonato nacional de «handball» e, como não podia deixar de ser, o Futebol Clube do Porto averbou a sua sétima vitória na prova.

A competição conheceu este ano moldes novos, mais compatíveis com o incremento da modalidade, mas os resultados práticos, sob o ponto de vista da organização, diferiram em absoluto no Porto e em Lisboa: quasi completa indiferença do público da capital; interesse permanente e avultado dos adeptos nortenhos da modalidade.

Para esta situação preferente muito têm contribuído os sucessivos êxitos da equipa azul e

dos os altos e baixos — as salas de armas que mantemos têm de possuir, assim, o que eu chamo «espírito da Mocidade», que não é mais do que o princípio são, verdadeiro, que forma no homem de amanhã o cidadão útil à Pátria!

O capitão Mário de Figueiredo já perdera muito tempo conosco. Deixámo-lo. Enquanto mais um discípulo recebia os seus ensinamentos, iam meditando no que nos dissera. Que bela obra poderá ser a do Centro de Esgrima da Mocidade se os filiados quiserem aproveitá-la, dando-lhe o seu entusiástico concurso!...

## PUGILISMO

### A PROPÓSITO DA DEFINIÇÃO DE AMADOR

NUM país meio-fantástico do continente americano sucedeu, há meses, um facto singular. Havia certo amador de boxe que era simultaneamente filiado numa organização de carácter social e educativo, muito ligada ao próprio Estado. Em dada ocasião, teve de ministrar a consócios e camaradas instrução sobre técnica pugilística.

Transformou-se, portanto, o nosso homem em instrutor ou monitor desportivo, recebendo mensalmente, a título de compensação pelas despesas extraordinárias que era forçado, importância equivalente a duas centenas de escudos, quantia irrisória se a considerarmos lucro ou prémio pecuniário pelos serviços prestados. Sucedeu, porém, que os dirigentes desportivos desse país (apesar da rigidez e laconismo da definição de *amador* que figura em quasi todos os textos dos regulamentos...) não hesitaram em considerá-lo tão amador e tão puro como os melhores.

Estes factos e o seu desfecho influíram sobremaneira na escolha do assunto deste artigo. Porque se o mesmo tivesse sucedido em Portugal, talvez que o infeliz amador estivesse numa posição algo difícil. E senão, vejamos:

A «Associação do Boxe Ama-

dor», inglesa, define o *amador* como sendo alguém que nunca disputou qualquer prémio, aposta ou salário; que nunca lutou contra qualquer profissional ou competiu com profissionais para disputa de prémio (excepto expressamente autorizado pela A. B. A.); e que jamais instruiu, exerceu ou praticou exercícios desportivos como meio de obter lucro pecuniário ou modo de vida.

Por todo o texto desta definição passa o sôpo do bom-senso, aliado à mais estrita rigidez. ¿Pode considerar-se lucro pecuniário ou modo de vida a quantia modestíssima que o atleta do tal país semi-fantástico da América Central percebia para despesas de transporte, calção e vestimenta consumidos forçosamente além do normal?

¿Poderá considerar-se também que esses ridículos pesos fôsem disputados ou, por outras palavras, fôsem uma «bólsa»? Evidentemente que não.

Mas se atentarmos na redacção do texto do Regulamento Português do Boxe, traduzido à pressa (ou redigido sem cuidado), o Regulamento diz: Art.º 8 — *É considerado amador todo o indivíduo que não tenha tomado parte em retensões publicas sem autorização da F. P. B.; que não tenha recebido prémios em dinheiro ou*

branca, arrastando os seus adeptos no entusiasmo pelos seus triunfos; o tradicional bairrismo portuense, orientado em sentido construtivo, frutificou em propaganda e expansão desta excelente modalidade desportiva.

A classe do grupo de honra do F. C. do Porto não marca actualmente tão vincada supremacia sobre os adversários como nos primeiros anos de campeonato, mas possui, apesar de tudo, técnica própria inconfundível, consciência de jogo e poder de realização que lhe garantem capacidade para enfrentar contingências e vencer pela regularidade, quando, numa tarde de menor inspiração, comprometeram a posição que parecia conquistada.

Tivemos este ano um exemplo desta doutrina: o Porto veio a Lisboa empatar com o Sporting e deixou-se vencer na sua cidade pelo entusiasmo dos «leões». Em confronto directo, os sportinguistas levaram vantagem, mas, no entanto, os «portistas» ganharam — e bem — o título, porque se equilibraram nos restantes encontros do torneio, ao passo que os campeões de Lisboa sofriram pesada derrota do Vigorosa e fracassavam sem brilho ante o Desportivo da «Cuf».

Ano a ano se espera que ter mine o reinado do Futebol Clube do Porto e de ano para ano êle se

*objectos que o dissimulem; que não tenha encontrado profissionais; que não tenha feito, mediante remuneração, vida de professor de uns ou outros exercicios físicos e, de um modo geral, todo o indivíduo que não tenha auferido lucros directos ou indirectamente do sport.*) o mencionado cidadão ficaria profissional, sem apêlo nem agravo.

Ora isso seria um absurdo! É certo que Basílio de Oliveira, um dia, tendo subido ao «ring» para efectuar uma exhibição com Jack Johnson, no Coliseu, viu-se discutido na imprensa desportiva da época. Quiseram fazer dêle profissional!

Porquê? Pelo texto regulamentar, que achamos despropositado — mas pesa na balança.

Torna-se necessário não exagerar nem pecar por excesso.

Profissional é todo o desportista que auferir lucros com o desporto e vive à custa das remunerações percebidas, conforme se diz com propriedade na definição inglesa atrás expressa.

Quem, a título de indemnização, recebe escassa quantia, não deve ser expulso da comunidade dos amadores. Seria draconianismo.

Procedeu muito acertadamente a entidade desportiva da nação americana, interpretando o espirito das disposições legais sem se deixar influenciar pelos textos precipitados e arcaicos da legislação vigente.

É isso mesmo que nós gostaríamos de ver em Portugal se, acaso, facto idêntico succedesse no nosso país.

RAFAEL BARRADAS

vai prolongando; um dia chegará, fatalmente, em que o título irá parar a outras mãos, mas este longo período de hegemonia ficará como um dos mais notáveis feitos no historial riquíssimo do clube — e, quasi podemos garanti-lo também, não voltará a ser repetido.

O sector mais forte do grupo portuense foi desde os primeiros anos a linha atacante e a perfeita ligação nos esquemas de jogo com a linha média. Sistema de desmarcação antecipada ao passe, remate rápido e sem olhar à distância da baliza; passe cruzado do interior ao extremo oposto, combinações desconcertantes entre o trio central, eis as características dominantes do jogo vistoso e eficaz dos campeões nacionais.

O Sporting, segundo classificado por enquanto, (pois o jogo anulado fora de todo o senso comum e respeito pela verdade desportiva — que nem sempre é coincidente com o rigor de leis que foram escritas para serem interpretadas pela inteligência em acôrdo com a realidade das sequências — só poderá ser marcado para o ano, porque a época está encerrada) tem sido o grande rival dos invencíveis jogadores portuenses. Possuidores, em Lisboa, de um historial quasi paralelo ao dos campeões nortenhos no seu fundo, os sportinguistas criaram também escola própria, com passes largos e caracteristica segurança na defesa, mas baquearam invariavelmente no momento decisivo ante os adversários portuenses e não parecem agora apetrechados para aspirar à sua successão imediata.

O Vigorosa e o Unidos foram os dois outros competidores do campeonato, ambos briosos mas menos regulares nas suas exhibições. Embora contra a indicação dos factos, eu direi que o Vigorosa foi, dos quatro, o que menor personalidade demonstrou.

## SALAZAR CARREIRA

N. da R. — *Prestando homenagem à brilhante equipa de «handball» do F. C. Porto e atendendo inúmeros pedidos que recebemos do norte do País, Stadium incluirá no seu próximo número uma separata a côres com a fotografia do grupo campeão nacional de «handball».*

## NATAÇÃO

### Os cursos nocturnos do Sportivo de Pedrouços

Estão já em actividade os cursos nocturnos de natção do Clube Sportivo de Pedrouços, iniciativa muito de aplaudir, pois visa a ministrar o ensino do belo desporto a quem não pode frequentar cursos diurnos. A inscrição continua aberta na sede do Pedrouços, todas as noites, das 22 às 24 horas.

ASSINE A «STADIUM»,





# O SPORTING conquistou a TAÇA de PORTUGAL



6

1—O sr. general Carmona assistindo à final; 2—Abraão soca uma bola alta — que Jesus Correia não alcançou; 3— outra defesa a sôco de Abraão. Os dois «backs» algarvios preparam-se para evitar a obstrução tentada por Veríssimo; 4— Magnífica fase colhida na 2.ª parte. Manuel Marques corta a tempo uma avançada que João dos Santos e Cabrita conduziram em boa combinação. Nogueira auxilia o seu defesa, enquanto Grazina e Barrosa seguem o lance; 5— Os dois capitães, Cardoso e Palmeiro, em luta — cheia de beleza atlética; 6— Um canto «contra» o Olhanense: Veríssimo tenta o remate de cabeça, que Graniza evita a tempo; 7— O «team» do Sporting vencedor do jogo final; 8— O «team» de Olhanense



**D**O jogo de desempate entre «leões» e «enternados» — está todo dito e tudo «isto», passados já oito dias.  
Para nós porém há ainda um «ormenor» que pensaria perder... Senão, veja o leitor a cena colhida em flagrante pelo nosso fotógrafo, que reproduzimos. Em baixo: Ao soar o último apito do árbitro, o dr. Barreira de Campos, presidente do Sporting, e Isaac Sequeira, director, dão largas ao coração, saindo de um «colapso»... de 90 minutos!





# Na final de juniores O VASCO DA GAMA ganhou ao CONIMBRICENSE

Os protestos, quando fundamentados em faltas confessadas pelo árbitro, são sempre de atender. Se o árbitro não cumpriu com as determinações da «lei do jogo» — a anulação deve ser fatal. Importa saber, portanto, se o árbitro dirigiu ou não o desafio com os cochecimentos requeridos. Pode parecer violenta esta decisão de anular um desafio já ganho, mas não se encontra outra maneira de prestar justiça a um vencido que não tem culpa da incompetência técnica do juiz de campo.

Diz-se: «... só por isto não deve anular-se o desafio». Discordamos. Se a «lei do jogo» se transformou na «lei do árbitro» — poderá haver outro procedimento? Que nos respondam os discor-dantes, que nem sempre pensam da mesma maneira. É uma questão de clube...

Ora, na última semana, a Federação de Basketball anulou dois jogos: o Conimbricense-F. C. do Porto e Conimbricense-Belenenses. Fundamento: erros da arbitragem. Procedeu-se bem? Pois se os árbitros erraram... A não ser fazer desta maneira, teríamos de lhes admitir o capricho, a opinião «pessoal». Há medida para o «erro grande» ou para o «erro pequeno»? Não. Há erro, simplesmente. O resto — é literatura.

Sabe-se que o Vasco da Gama, nesta questão de protestos, tem o «seu caso». Não sabemos se é justo. Isso é com os técnicos. Mas a sua insistência, o seu amor a coisas do «basket», quasi nos indicam que o simpático campeão português talvez tenha uma pontinha de razão... Mantemos o mesmo ponto de vista: se o árbitro errou tecnicamente, será de proceder como aconselha a lei. Só ela pode «mandar» — aqui e em toda a parte!

Está marcada para Julho a final do «Torneio dos 8», entre o

F. C. do Porto e o Belenenses. Este torneio realizou-se há 2 anos, quando os portugueses possuíam boa equipa, mas a final ficou em branco. Agora veremos frente a frente os «teams» do campeão nacional e do finalista da 2.ª Divisão.

Os juniores do Vasco da Gama ganharam no sábado do noite o campeonato nacional de juniores. Foi seu adversário o Sport Clube Conimbricense, e os vascaínos só no prolongamento conseguiram a vitória, por 45-42.

No tempo extra-regulamentar, os portugueses vieram a impor-se definitivamente. Pela maneira decidida e também categorizada como os conimbricenses se envolveram no jogo, mereceu este excelente classificação. Agradou em absoluto a uma assistência numerosa e entusiástica. Antes do prolongamento, os grupos haviam obtido 35-35.

## Um agradecimento da Sociedade Hípica

Assinada pelo seu director-secretário, sr. Henrique José Cardoso de Menezes (Margaride), recebemos da Sociedade Hípica Portuguesa a seguinte carta:

Sr. Director: Encarrego-me a direcção desta Sociedade de agradecer muito reconhecida a direcção desse jornal o interesse que lhe tem merecido o desenvolvimento do gosto pelo desporto hípico, com os artigos inseridos nesse jornal desportivo que V. lida brilhantemente dirige.

Conheço V. muito bem as vitórias alcançadas pelos nossos cavaleiros no estrangeiro e, podemos diz-lo com orgulho, que figuram entre os primeiros de todo o Mundo. E este desporto que mais glórias tem obtido para Portugal.

Ao agradecer solicitamos a continuação do prestimoso auxilio de V. não se inclinando aquelas que o praticam, com desenvolvimento do gosto no público espectador. Digne-se V. aceitar, etc.

Registamos com desvanecimento a amabilidade de direcção da Sociedade Hípica Portuguesa, à qual procuraremos corresponder mantendo e ampliando, se possível, o nosso carinhoso interesse pelo desporto magnifico que a S. H. P. orienta superiormente.

# BARREIRA DE SOL

Campo Pequeno, 1 de Julho

Um «cartel» de dia grande, pouco mais de meia-casa e tempo ventoso, nada propicio para o bom trabalho de capa e maleta.

Armillita e Ortega são dois toureiros grandes, de uma geração que passou. O primeiro, a caminho de uma próxima retirada, limita-se a cumprir discretamente, expondo o menos possível. Toureou bem de capa o seu primeiro, colocando-lhe dois bons pares de bandarilhas e um terceiro a bortal, «aliviando» de qualquer forma o terceiro «tercio». Ao seu segundo, de Pinto Barreiros, am manso com poder e com casta, dominou-o com facilidade pela cara, com passos de pitón a pitón.

Ortega revelou-se no seu primeiro o grande dominador de sempre, que se apodera dos toiros, fazendo-os dobrar com formidáveis passos de castigo, para brincar depois com eles... e por vezes com os públicos. Registemos o seu loavável emprêgo da mão esquerda, ligando três bons passes naturais, e alguns alardes de valentia pouco próprios de um toureiro da sua classe.

Nuncio bem nos seus dois toiros, sem atingir o nível das suas tardes grandes. Fernando Salgueiro pouco feliz. Os forçados-amadores de Santarém entusiasmaram com três rijas pegas de cara e uma à volta.

Toiros de Nuncio, bem apresentados e dando boa lide. Toiros de Pinto Barreiros, abaixo dos dois justos créditos desta excelente ganaderia.

J. E.

## Uma carta do DR. OCTAVIO DE BRITO ilustre presidente de OS BELENENSES

A propósito de algumas palavras que dedicámos e figure prestigioso do sr. dr. Octávio de Brito, há poucos semanas, no nosso habitual órgão «No Mundo de Bola», o ilustre presidente de «Os Belenenses» enviou-nos a seguinte carta:

Sr. Director: Apresentando a V. os meus cumprimentos, venho com muito reconhecimento agradecer as amáveis, mas merecidas, referências que o seu jornal faz a meu respeito no seu último número.

Só a muita generosidade e gentileza do ilustre jornalista que as escreveu as posso atribuir, mas nem por isso elas deixaram de me sensibilizar, apreciando-as sobretudo no que podem representar de prestigio para o meu querido Belenense.

E dentro deste aspecto quero também agradecer a V., e muito vivamente, o que na mesma local se dia de Augusto Silva, e disse, sim, com inteira justiça e verdade.

Julgo que se a Direcção a que tenho a honra de presidir mais nada vier a fazer do que trazer Augusto Silva para o Clube onde nasceu, se formou e esplendeu, a grande altura, o que foi um dos maiores jogadores portugueses, terá já feito o suficiente para ter jás a gratidão da massa associativa.

Renovo a V. os meus agradecimentos, etc.

As palavras que tivemos o prazer de dedicar ao sr. dr. Octávio de Brito encerravam leniz verdade como as que escrevemos sobre Augusto Silva. Rejubilamos por as haver publicado, já que nos proporcionaram e dupla satisfação de fazer justiça a quem e merece e de arquivar nestas colunas e carta do sr. dr. Octávio de Brito, pela gentileza que represente pelo conhecimento e pela justiça do seu comentário final.

# A PISTA DO LUMIAR

recinto magnífico para provas nocturnas

BTEVE assinalado êxito sob todos os aspectos, o festival nocturno promovido no Estádio do Lumiar, para inauguração da nova temporada de corridas de pista. A iniciativa do Sporting, Desportivo Iluminante e Lisgás, que tomaram à sua conta a iluminação da pista, deve sem dúvida trazer largos benefícios para a velocipedia, porque criou novas possibilidades de organização.

Qualquer das provas disputadas na quinta-feira agradou em absoluto. O público aplaudiu e chegou, com os seus incantamentos, a tornar o espectáculo vibrante e cheio de emoção.

Logo na prova de iniciados, ganha por Emídio Pereira, houve luta da melhor entre este corredor e José Miranda.

Carlos Quadros, o vencedor, José Jacinto e José Faria, que chegaram a seguir, com as suas bem conduzidas actuações, tornaram o «Critério» de amadores uma corrida bastante movimentada e espectacular.

Joaquim Dias dificultou a vitória de Hélder Cunha em veteranos, conquistada na derradeira centena de metros, e pôr último a prova de «Uma Hora à Americana» — corrida principal do programa — manteve o público sempre interessado e forneceu uma excelente competição desportiva.

Bons «sprints» de Eduardo Lopes, que por duas vezes bateu Lourenço; excelente final do atleta-sportinguista, que, mercê de uma oportuna reacção, logrou, de parçaria com Aristides, alcançar o avanço de uma volta sobre todos os adversários, e, a completar tão belo conjunto, excelentes exhibições de António Jacinto, Manuel Rocha, Mourão, Inácio e Tavares da Silva.

Finalmente vitória justa da equipa Lourenço—Aristides, seguidos de Lopes—Jorge Pereira e Rocha—Jacinto.

### As corridas de hoje à noite

O segundo festival efectua-se esta noite, fazendo parte do programa o campeonato regional de velocidade (junior), critério de 15 voltas, com «sprints» de 3 em 3, e duas horas à americana, corrida em que reaparecerão João Rebêlo e Aniceto Bruno.

# SEPARATAS

No nosso próximo número, a publicar em 11 do corrente, incluiremos, como informamos noutro local, uma SEPARATA com a fotografia A CORES da equipa de «handball» do F. C. do PORTO, vencedor do campeonato nacional da modalidade pela sétima vez consecutiva.

A publicação da separata anunciada no último número fica, assim, transferida.

## A PROPÓSITO DE HOCKEY EM CAMPO...



O «hockey» em campo teve em Lisboa cultores entusiastas e atingiu bom nível técnico. Depois entrou em decadência e pode dizer-se que só no Porto mantem actividade constante. No entanto, a modalidade possui beleza e vibração — como prova este fase, num «malch» entre duas equipas inglesas

# Os madrilenos não vieram—Magister dixit...—As provas de domingo

O encontro Lisboa-Madrid devia celebrar-se sábado e domingo passados. Na terça-feira, ao fim da tarde, telefonava-me o secretário da Federação espanhola, Manuel Segurado, informando que à última hora — depois de já comprados os bilhetes de comboio — haviam surgido dificuldades superiores. Na quarta-feira voltava a telefonar, dizendo então que o general Moscardó estava empenhado em resolver as oposições e confiava no resultado dessas diligências. Finalmente, no dia imediato, quinta-feira, ante-véspera do encontro, recebíamos à noite um telegrama comunicando que determinações superiores obrigavam a anular definitivamente o encontro e expressando a mágoa por tão «infausto acontecimento».

Os jornais madrilenos do mesmo dia referiam-se já ao caso e «Gol» noticiava textualmente: «À primeira hora da manhã de hoje não se sabia ainda se se efectuará o encontro Lisboa-Madrid. Parece que surgiram diversas dificuldades e que os directivos castelhanos não encontraram facilidades em todos os organismos e pessoas que tiveram e têm as rédeas da deslocação. Os primeiros obstáculos surgiram em Lisboa e não precisamente por parte dos portugueses».

No meio desportivo português, esta revogação de última hora, seguindo-se aos desagradáveis precedentes do Barcelona e, mais ainda, do Pôrto-Galiza, causaram

a pior impressão e a opinião pública pensa, muito acertadamente, que devem ser averiguados os motivos de semelhantes atitudes e acautelados para futuro os legítimos direitos nacionais nas projectadas organizações, quando elas estejam avalizadas pela prévia sanção oficial.

Confiemos aos organismos superiores do desporto a resolução destes melindrosos problemas, a que andam ligados o interesse e a dignidade do desporto nacional, mas que se prendem também a tantas e tão graves responsabilidades de outros géneros que não podem decidir-se por impulsos de ânimo leve ou à vontade de qualquer particular.

E indispensável tomar uma decisão—decisão que salve o nosso brio beliscado e corresponda às tradições do nosso desportivismo ímpoluto. De acórdio, mas entreguemos essa missão a quem de direito possa falar claro e com autoridade.

Referindo-se aos incidentes de falsas partidas nos últimos campeonatos regionais, o conhecido atleta professor Fernando Ferreira, que passou a considerar-se

a pessoa mais sabedora em atletismo no país e arredores desde que recebeu um livro de perguntas e respostas escrito em americano, declara «ex-cathedra» que o corredor Eleutério não podia ser eliminado porque a pistola de ambas as vezes disparou.

Sua Excelência diz e a gente acredita...

Mas, permito-me lembrar que a doutrina do famoso manual de conversação, que constitui agora a bíblia atlética do jovem jornalista e antigo atleta, foi provavelmente escrita para um país onde se respeitam as leis desportivas e onde nenhum treinador se preocupa em fazer escola de falsas partidas. O conceituado cronista recorda-se, com certeza, da forma como conseguiu ser há um ano campeão regional dos cem metros e um seu camaradacampeonacional. Consta dos anais e das fotografias.

A teoria de contar apenas como falsas — para efeitos de eliminação — as partidas em que um corredor abala e a pistola não chega a disparar, afirmo que não é de aplicação comum. Nunca a vi posta em prática das vezes que assisti a competições de atletismo no estrangeiro — e algumas tive a dita de presenciar com categoria mundial, ao passo que o autor do comentário não foi por enquanto mais longe do que o Pôrto.

Afirmo mais, ainda, que em Portugal, pôsto em aplicação, esse critério teria como consequência uma infinidade de partidas nem falsas nem verdadeiras, em que os participantes se alternariam na fuga, para arrasar os nervos do adversário e jogar a cartada de um deslize do juiz.

Às vezes, há horas felizes, não é verdade, Fernando Ferreira?

Quando a Federação de Futebol teve conhecimento da esquiava dos atletas espanhóis, transferiu o jogo final da Taça para o campo das Salésias e ficou implicitamente desligada do seu compromisso com a Associação de Atletismo. Os seus dirigentes, porém, sabedores do embaraço que causariam a este

organismo as despesas já feitas e sem compensação, tiveram um generoso gesto de louvável camaradagem desportiva e mantiveram o acórdio e a comparticipação da A. A. L. no festival das Salésias.

O programa, organizado pela Associação de Atletismo, era bastante interessante e para ele dirigiu aos clubes seus filiados os necessários convites, limitando a participação aos especialistas de maior valor. Excelente oportunidade de propaganda para o atletismo, ante um público numeroso e onde se recrutariam novos adeptos.

As intenções de uns e outros falharam, porém, porque o Benfica se solidarizou com a selecção castelhana e decidiu que os seus representantes não comparecessem... O mesmo fizeram dois campeões que, pelo seu nome e popularidade, deviam maior respeito ao público: Francisco Bastos e João Durães.

As provas limitar-se-iam a uma exibição dos sportingistas, com a valorosa réplica dos rapazes do «Cif», se não houvessem comparecido na pista dois benfiquistas, o saltador em altura Sousa Dias e o corredor de fundo João Silva, que se apresentaram de camisola branca.

O vento, que soprava muito forte, prejudicou bastante as corridas e os saltos, mas apesar disso os resultados foram agradáveis: 11 s. nos 100 m., por Manuel Nuncio; 51,8 s. nos 400 m., por Artur Dias; 4 m. 31,6 s. nos 1500 m., por José Vicente; 12 m. 30,4 s. nos 4000 m., por João Silva, cujo final de prova foi fulgurante; 1,70 m. em altura, por Sousa Dias; 6,52 m. em comprimento, por Alvaro Dias; e 12,635 m. com o péso, por Luís Pinto Basto.

A encerrar o programa correu-se uma estafeta de 3x100 m., para o qual o Sporting alinhou três equipas e o Internacional uma; o melhor terceto «leonino» (Camões, Nuncio e Lourenço) conseguiu igualar o «record» nacional, com 33,2 s.

SALAZAR CARREIRA

## O C. A. Campo de Ourique festejou com brilho o 22.º aniversário

TERMINARAM no passado domingo as festas comemorativas no 22.º aniversário do Clube Atlético de Campo de Ourique, simpática agremiação que, arrostando com pesados sacrifícios, muito se tem dedicado à causa desportiva em geral e ao desenvolvimento da educação física.

Durante o mês de Junho realizaram-se, na sede e campo de jogos, interessantes festividades de carácter desportivo e artístico, que alcançaram bom êxito e serviram para testemunhar a boa vontade dos directores — à frente dos quais é justíssimo salientar Benvindo Cardoso, dirigente dos mais competentes e a quem o clube muito deve.

Mas se as festas nos provaram a boa vontade dos directores, serviram também para demonstrar a simpatia de que desfruta a popular colectividade, cujas iniciativas, algumas bem importantes, e organizações, representam uma obra a todos os títulos merecedora dos maiores elogios, tanto mais que não se desconhecem os sacrifícios com que lutam constantemente os clubes pequenos.

O Clube Atlético de Campo de Ourique conseguiu singrar e impor-se, e em vinte e dois anos de actividade constante registou algumas iniciativas bastante curiosas, que levaram o seu nome a todos os recantos do país — não esqueçamos que dele partiu a organização das 9.ª e 10.ª voltas a Portugal em bicicleta.

As festas terminaram com um almôço de confraternização, que decorreu num ambiente simpático e alegre, indicativo da comunhão

de sentimentos entre dirigentes e associados.

Aos brindes foram ventiladas algumas das mais importantes necessidades do clube, à frente das quais surge a cobertura do seu magnífico campo de jogos, que, a conseguir-se — e tudo indica que sim — desenvolverá extraordinariamente a sua esfera de acção e tornará possíveis as aspirações louváveis do C. A. C. O.

Oxalá que o Campo de Ourique consiga demover todas as dificuldades, para continuar a bem servir a educação física e a causa desportiva.



Nas provas do domingo nas Salésias—Nuncio conclui em vencedor a corrida de 100 metros



# Stadium na PROVINCIA

**BRAGA:** Ainda a disputa da taça «Tenente-coronel Sacramento Monteiro», instituída pelo União de Coimbra em homenagem ao sr. director geral de Desportos e à qual fizemos oportuna referência: 1 — O sr. governador civil de Braga, dr. Henrique Cabral, no acto de entregar a M. Lopes, capitão do «steam» de honra do Sporting Clube de Braga, o valioso trofeu; 2 — Os capitães dos grupos do Sporting e do União de Coimbra após a entrega da taça; 3 — A cerimónia da entrega da mesma taça foi seguida do encontro entre o União de Coimbra e o Sporting de Braga, que este ganhou por 1-0. A fotografia mostra os dois «teams» antes do jogo.

**CAMPO MAIOR:** 4 — O grupo de júniores do Sporting Clube Campomaiorense, que conquistou, sem qualquer derrota, o campeonato da sua categoria do distrito de Portalegre.

**PALMELA:** 5 — A equipa de honra do Palmelense F. C.

**SOBRAL DE MONTE AGRADO:** 6 — O «steam» principal do Monte Agraço Futebol Clube.

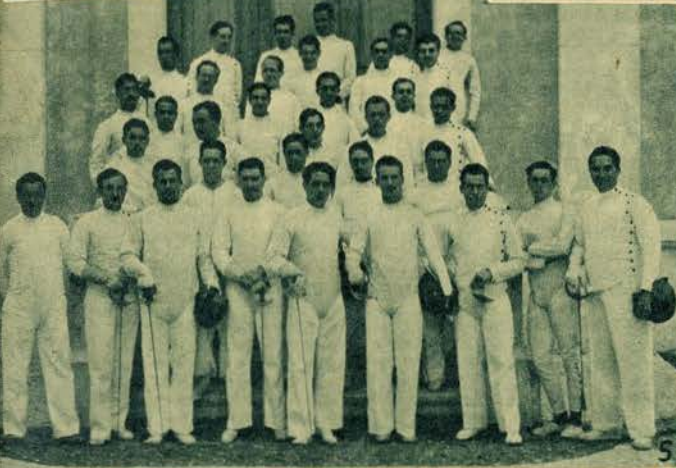
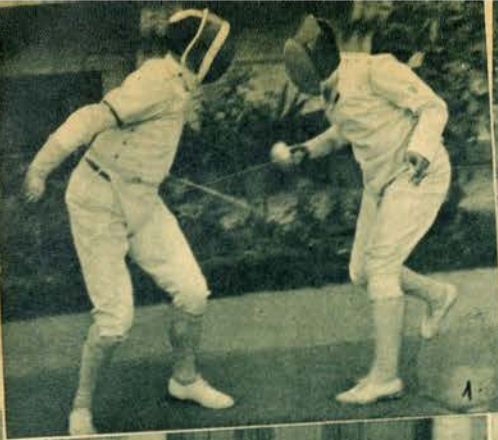


**LEITOR:** Tem interesse em ver publicada uma gravura referente a um acontecimento desportivo da sua região? Pois convidamo-lo a enviar-nos uma boa fotografia...

## UM RECORDE BATIDO!...

Não é sômente em matéria de desporto que se batem recordes!... Por hábito compram-se hoje muitas utilidades a prestações — mas com aumento de preço... — e constitui na realidade um recorde saber-se que a Alfaiataria J. C. MOURA, na Rua da Atalaia, 145, faz dessas transacções sem qualquer aumento de preço. Se V. Ex.<sup>ta</sup> tiver casa sua não é preciso fiador para adquirir um bom fato, sobretudo ou gabardine, assim como confecções de senhora em género «tailleur». (Note bem, nesta casa encontrará V. Ex.<sup>ta</sup> maior perfeição e não paga luxo.

# A semana ATRAVÉS DA OBJECTIVA



**ESGRIMA:** 1 Está a disputar-se a taça «Câmara Municipal». A fotografia mostra uma fase do assalto entre H. Silveira e J. Cruz. Efectuaram-se os campeonatos militares, com elevado número de concorrentes e nível técnico excelente: 2 — A equipa da Escola Prática de Cavalaria, vencedora da taça «Pedro de Oliveira»; 3 e 4 — Carlos Granate Andrade e Silva, campeões militares de espada e sabre; 5 e 6 — Os concorrentes aos campeonatos de sabre e espada. **O ANIVERSÁRIO DO ATENEU:** 7 — Alguns dos veteranos que tomaram parte nas festas comemorativas. **CICLISMO:** — Começaram os festivais nocturnos na pista do Lumiar. A gravura mostra as equipas do Sporting e do D. Iluminante, 1.ª e 2.ª classificadas na hora à americana para independentes. **NAUTICA:** 9 — A partida dos concorrentes à taça «Wintermantel». **NATAÇÃO:** 10 — Alguns dos concorrentes aos campeonatos universitários



## O PORTO PROTESTA

**A** NDA a ser já muito feble a alteração à orgânica dos campeonatos de futebol, que envolverá remodelação profunda.

Se é certo que nada há ainda com carácter oficial — e que deve ser assim confirmado — o facto dos dirigentes da A. F. do Porto e dos clubes nortenhos não desejarem tomar atitudes prematuras — a verdade é que qualquer coisa deve estar a forjar-se...

Temos lido o que se tem escrito sobre o assunto, verificando que à cidade do Porto, ou melhor, ao centro futebolístico do distrito do Porto, são atribuídos somente os mesmos dois representantes que até aqui faziam parte da I divisão do Campeonato Nacional. Entretanto, Lisboa ficaria com cinco e Braga e Setúbal veriam o seu número representativo elevado para dois...

Protestamos! E fazêmo-lo desde já, antes que surja qualquer «surpresa» com carácter definitivo, embora estejamos convencidos que serão ouvidas previamente as associações regionais e os clubes.

Mas protestamos pela concepção da ideia tal como se antevê, pelo que tem vindo a público. Qual a razão por que, além de Lisboa, Braga e Setúbal veriam o número dos seus representantes aumentados de mais um?

Onde estaria então a moralidade do pretensio projecto? Por que motivo não se fazem entrar na I divisão nacional as regiões de Vila Real, Viseu, Beja, etc.? Não seria muito mais justo e proveitoso, em vez de se aumentar o número dos representantes de Lisboa, Braga e Setúbal?

O Porto protesta... fá-lo em seu nome, na defesa das suas prerrogativas — mas também em nome da região nordeste do País, que continua a ser votada a ingrato esquecimento.

Não deveremos ficar sós nesta oposição a uma ideia que tem de ser orientada noutros moldes. Aguardemos, pois, que outros se pronunciem.

M. A.

## ATLETISMO

### A segunda jornada dos Regionais de "Seniores"

**D**ISPUTADA num sábado, e para mais véspera do tradicional dia de S. João, a segunda jornada não teve a importância da primeira, pelas circunstâncias apontadas já — como reflexo das mesmas — pelo reduzido programa que a compunha. Contudo, as provas foram lidas disputadas com desportivismo e entusiasmo, que subiu ao rubro na altura da estafeta dos 4x200 pela corrida magnífica de Sampaio Peixoto: recebendo o testemunho com o atraso de 10 metros, o atleta foi ainda ganhar a prova com uma vantagem de mais de 5 metros. Só para ver essa extraordinária prova do valoroso representante do Académico valeu a pena ir ao Lima.

Mais uma vez estiveram em evidência as qualidades invulgeres de Sampaio Peixoto, que esta época, além da melhor técnica que referimos, acusa também maior «poder» e melhor velocidade — os dois «trunfos» indispensáveis ao corredor «ideal» de velocidade prolongada. Gostámos igualmente da sua actuação nos 100 metros, em que foi vencedor destacado, apesar de uma partida deficientíssima. Foi-lhe atribuído o «tempo» de 11 s., mas um dos cronómetros acusou 10 s. 8/10.

A prova de 800 metros, aguardada com certo interesse pela concorrência de alguns «juniões» que se têm apresentado como elementos

(Continua na página seguinte)

## Encerramento de classes no SPORT CLUBE



A directora da secção feminina do Sport Clube do Porto entrega ao atleta monitor Pedro Rico o diploma e medalha de assiduidade

## HANDBALL

### O CAMPEONATO NACIONAL observado no Porto

Representou um acto de justiça o triunfo final do F. C. do Porto no campeonato nacional desta época. A sua extraordinária cadeia de títulos, juntou mais um elo — o sétimo, o que é invulgar em qualquer modalidade desportiva, em especial no «handball», onde houve concorrentes da categoria do Vigorosa, do Sporting e da Cuf. O grupo venceu pela regularidade, sem os números estonteantes dos «leões» e da Cuf (contra o clube das Cavadas, respectivamente nesta cidade e em Lisboa), nem os máximos do Vigorosa (nos citados encontros).

♦ ♦ Estrêla e Vigorosa, que foi o grupo mais bem apetrechado para o torneio, teve o seu resgate na última jornada. Não saiu vencedor — o que representaria também a conquista do título — mas o seu esforço e superior actuação técnica agradou completamente. Bateu-se numa luta épica contra os campeões e, se não os ultrapassou, deve-o a uns momentos de pouca fortuna. Simultaneamente, a falta de adaptação ao sistema exclusivamente de ataque, indicado pela feição do jogo, como tentativa para explorar uma defesa pouco senhora de si, contribuiu para o nivelamento do resultado na última partida.

♦ ♦ Confirmou-se, mais uma vez, a superioridade do «handball» português. O 2.º representante desta época atingiu melhor relêvo que o da época passada — o Vilanovense — cuja passagem pelo Nacional foi extremamente modesta. O Porto-Vigorosa forneceu brilhante encerramento de época e o resultado proporcionou o renascimento de interesse nas pugnas a travar entre os dois cotados agrupamentos. Financeiramente, a população desportiva portuguesa correspondeu à organização e, assim, é de admitir que a entidade máxima do «handball» português considere a cidade do Porto credora das mais importantes jornadas desta modalidade.

♦ ♦ Quanto aos grupos lisboetas, descreveram das próprias possibilidades. Depois de uma prometedora jornada — a primeira — que parecia dar nova feição à marcha do campeonato, o domingo imediato foi de completa desilusão para os representantes da Capital. Entretanto, o F. C. do Porto distanciara-se e a ideia de obtenção do título, que até aí ainda oscilava para Lisboa, ficou a inclinar-se sem hesitação para o Norte. O Sporting, neste campeonato, percorreu um caminho sinuoso, desiludindo tanto na primeira saída quanto agradou na segunda. A irregularidade da sua linha média contribuiu poderosamente para o facto. O trabalho da equipa, no encontro da 2.ª volta contra os «azuis-e-brancos», ficou assinalado como bela página de técnica. O «conze da Cuf, mergulhado num sistema de passagens curtas, embora de rapidez desconcertante, não conseguiu igualar a impressão que causou no ano anterior. O seu processo do «jogador acompanhar a bola», proporcionando inevitáveis choques e retardamento a meio-campo, fez-se sentir decisivamente no marcador.

LUÍS MARCOLINO

## Mosaicos nortenhos...

**N**ÃO sabemos se «por bem ou por mal», afirmou-se e escreveu-se que o F. C. do Porto, no último jogo do campeonato de «handball», contra o Vigorosa, marcou o ponto de empate (8-8) quando o segundo do «nacional» e do Porto ganhava por 8-7.

Foi precisamente ao contrário. E como se disse e se escreveu, também, que o árbitro «deu tempo a mais», parece oportuno informar que o facto só favoreceu o Vigorosa, que pôde jogar à derrota nos últimos momentos do encontro...

— O sr. Mário de Carvalho, delegado da Direcção Geral de Desportos, assistiu ao jogo Porto-Vigorosa. Congratulamo-nos com o facto. O «handball» português possui o campeão nacional há 7 anos e isso honra a cidade. E aos seus interesses não pode ficar indiferente seja quem for.

— Campo ou Estádio do F. C. do Porto? Não. Luta de «parlidos». Entretanto, o F. C. do Porto possui uma das suas melhores Direcções. Será preciso conhecer o passado — um passado pouco distante — para reconhecer o valor da sua gerência actual. Posto isto, pode esperar-se que o Estádio do F. C. P. seja um facto. Nas Antas? Na Vilariña? Senhores: deixem trabalhar a Direcção do principal clube do Norte! Discutam o «resto» depois...

— O Porto diz que não tem representantes em Federações, — aqui e

além. Que o não atendem, que brado no deserto. Talvez. Mas o Porto, segunda cidade do País, trabalha em lidas as modalidades desportivas: no futebol, no «handball», na ginástica, no «basket», no remo, no atletismo, na esgrima, no «hockey» em campo e em patins, no «tennis» de mesa, no «tennis» de campo, no «volley» — em tudo que possa interessar ao desporto, à educação física nacional. E isto não vale nada?

— A Federação Portuguesa de Handball vai entregar ao F. C. do Porto uma taça comemorativa dos 7 campeonatos nacionais conquistados. Aos jogadores campeões serão distribuídas medalhas. Merece salientar-se a atitude federativa. Embora se trate de um organismo pobre, não quis deixar em julgado a bela «performance» do popular clube nortenho.

— Causou descontentamento a notícia de que a «Taça de Portugal» em «hockey» em campo não seria disputada este ano. Ao campeonato do Porto concorrem 10 clubes de 1.ª categoria e outros tantos de 2.ª, e por aqui se vê o interesse dos praticantes e do público. Os dois apurados, F. C. do Porto (campeão) e Boavista F. C. (segundo classificado), já há muito tempo foram indicados. Contribuíram sem dúvida para a dignificação da modalidade — motivo que justifica a sua presença.

# ATLETISMO

(Continuação da página anterior)

de muito futuro, redoundo afinal numa «brincadeira», que, a repeli-se, merece as mais severas punições. É que os «juniões» que responderam à chamada não estavam dispostos — apesar de terem valor para isso — a ficar «presos» na categoria superior. Ao entrar-se na recta final, três desses «juniões» estavam bem colocados para se classificarem em 2.º lugar — posição que lhes daria a subida de categoria. Eram eles: José Côrtes, Armando Leitão e Leonel Silva. O primeiro, a vinte metros da meta, resolveu fazer «corrida negativa», no que foi logo imitado, dando lugar a um curioso pelotão que parecia não querer chegar ao fim... e que só o fez quando o concorrente mais atrasado se classificou em 2.º. Como naturalmente se impunha, todos os componentes desse «famoso» pelotão foram desclassificados.

A ausência de João Montalvão e a tarde infeliz de Arnaldo Borges e David Severino tiraram ao salto à vara certo brilhantismo. Contudo, merece referência a persistência de Arnaldo Borges, que foi alcançar mais um título, embora em circunstâncias anormais. Sabemos que já passou esta época os 3,30 m., apesar da orientação técnica da equipe do F. C. do Pôrto, a seu cargo, não lhe permitir preparação cuidada.

Outros nomes que merecem apontamento: Guilherme Santos, que, embora pouco treinado, demonstrou não ter perdido qualidades; Mário Perdigão, Arnaldo Geração, Costa e Almeida e Coutinho Monteiro.

A organização técnica da jornada agradeço.

EDUARDO SOARES

## De oito em oito dias

Uma festa no Sport

O Sport Clube do Pôrto, a única organização desportiva que dá aos seus associados e família lições de ginástica por professores habilitados, levou a efeito, há dias, uma sessão para distribuir prémios e diplomas aos alunos dos seus cursos ginásticos.

Mas não é sobre esta festa que desejamos falar. O Sport sabe que estamos de alma e coração com a sua bela obra no campo da educação física.

Queremos somente focar o que deixa de se fazer todos os anos, época sobre época, em ginástica. Podem argumentar que os clubes A B ou C têm cursos para os seus associados ou atletas. Acreditamos. Mas o que gostaríamos — e eis a razão destas palavras — é que, no final do ano, esses clubes mostrassem qualquer coisa daquilo que tivessem feito!...

### Os campeonatos regionais de remo

As provas de remo efectuadas no Douro, no dia de S. João, atraíram forte concorrência.

A expectativa dos apaixonados sportistas e fluvialistas não ficou iludida, quanto à maneira como foram disputadas as provas principais, em especial a de «out-riggers» de 8, seniores; só neste aspecto, porque a vitória nítida dos remadores caminhenses foi de natureza a tirar qualquer dúvida sobre o valor dos concorrentes minhotos. No

# Stadium na província

**S**TADIUM tem pela actividade dos pequenos centros a melhor simpatia. Por mais de uma vez o tem demonstrado, e não será preciso recordar agora tudo quanto se há feito, aqui dentro, no propósito honesto de contribuir para o progresso do desporto na província.

Reconhece-se, sem grande esforço, que nos centros modestos também se procura progredir. Há-de ver-se, nesta secção, que a província, nem sempre bem acarinhada, não falta com o seu auxílio, nos momentos delicados; e que, embora mais entregue ao futebol do que à ginástica, à natação, ao «basket» ou aos desportos atléticos, segue sempre carinhosamente os programas da cidade, do clube ou das regiões categorizadas.

É preciso cuidar das suas aspirações. É necessário dar-lhe vida, todo o amparo. Se repararmos bem no valor da província, de onde surgem constantemente atletas admiráveis, verificaremos que o seu esforço é digno da melhor consideração dos desportistas. Logo, por ser justo, preste-se a devida homenagem aos clubes, dirigentes e atletas dos departamentos modestos.

## O S. C. CAMINHENSE VOLTA A IMPOR-SE NO REMO

**O** SPORTING Clube Caminhense conquistou já vários campeonatos nacionais e regionais de remo. Agrupamento simpático, instalado numa linda vila do Minho pitoresco e alegre — não pôde vencer, entretanto, certas dificuldades. Faltando-lhe barco próprio para as suas provas maiores, o S. C. Caminhense viu-se forçado a «baixar bandeira».

A sua simpatia pelo remo, entretanto, acabou por vencer. Pode dizer-se que o Sporting Clube Caminhense ressurge para os desportos náuticos. Isso pôde verificar-se, há dias, nas águas do Douro, em disputa dos campeonatos regionais de velocidade. O Caminhense, que obteve triunfos grandes, em Lisboa, Pôrto, Aveiro, Viana e Figueira, festejou naturalmente o seu recomeço — a sua nova época.

Quando os remadores chegaram a Caminha, vencedores, foram recebidos com aplausos e vivas. Demonstraram os caminhenses que é seu propósito ajudar o clube da terra. E bem o merece. O Sporting Caminhense, antigo campeão de Portugal de remo, só por falta de auxílio deixou de contribuir para o progresso da modalidade. Mas simpatizava com ela. Não desistiu, por isso. Venceu certamente variadíssimas contrariedades, e aí

que se refere aos clubes citados, mais uma vez o velho Fluvial venceu folgadamente o seu eterno rival — o Sport, beneficiando da largada deficiente que este fez. A luta estabelecida na prova principal entre as equipas do Caminhense e do Fluvial foi portentosa, sobresaindo a maneira brilhante como os caminhenses anularam a vantagem dos fluvialistas.

Esta prova tem o condão de despertar o interesse da gente da beira-rio, que, dividida em dois partidos — «azuis» e «verdes» — segue com entusiasmo os treinos das equipas preferidas, só se rendendo à evidência no final das provas.

Esta vez foram os «fluvialistas» que embandeiraram em arco, muito embora não tivessem ganho a prova...

### Póvoa do Varzim progride

A notícia não é «caixa»... Tentar

se apresenta, agora, campeão norteno de velocidade, bem disposto para a luta.

Stadium congratula-se pelo facto do simpático clube minhoto ter vencido a crise. E espera-o em futuras provas — onde fazia falta e era louvado por quantos dedicam a sua atenção ao magnífico desporto do remo.

## Curiosidades...

Ao acaso, indicamos alguns valores que a província tem cedido aos grandes clubes: Alfredo Valadas, Cesar Ferreira, Melo, Manuel da Costa e Rosa, do Benfica; Gomes, Capela, Gilberto, Gatinho e Mário Duarte, no Belenenses; Mourinha, Faustino, Penafiel e Canário, no Sporting; Anjos, Gomes da Costa, Maiato, Andrade e Octaviano (de Caldas da Rainha para Coimbra e daqui para a capital do Norte), no F. C. do Pôrto; Nini, Alberto Gomes, Lopes, Pestê, Cesar Machado, etc., na Associação Académica... E muitos mais.

Não se indicam, claro, os jogadores preparados no Barreiro, Setúbal, Funchal e Aveiro — os dois primeiros centros «viveiros» de Lisboa, e o último principal alimentador do Pôrto...

A província, afinal, trabalha com decidida vontade. As provas estão à vista...

## Cartões de livre trânsito

A Associação de Natação de Lisboa, a Piscina Solário Atlântico, de Espinho, e o Olímpico Clube de Portugal tiveram a gentileza de nos enviar os seus cartões de livre trânsito para o ano corrente, que muito agradecemos.

bater-nos com os jornais diários, seria uma quixolada!

A linda vila da Póvoa do Varzim vai, desde os meados do mês corrente, contar com mais um centro para a prática dos desportos — o velódromo, que deve ser inaugurado, possivelmente, no dia 15 próximo. Tem 450 metros de corda por 7 de largura.

Boa ideia. É mais uma contribuição que o desporto dará para tornar a Póvoa mais conhecida.

## Notas e novidades

### que interessam à província

♦ O Luso Sporting Clube, de Beja, em festa comemorativa do seu 29.º aniversário, ganhou em futebol, por 4-1, ao União.

Também se efectuaram, nas instalações do mesmo clube alentejano, provas de tiro aos pombos e de columbófilia. Foi grande a concorrência de amadores.

♦ O Desportivo de Tondela, várias vezes campeão da Beira Alta, talvez venha a ser a filial n.º 2 do Estoril Praia. Assim, o simpático clube do Dinha passaria a chamar-se «Desportivo do Estoril e Tondela».

♦ Foi nomeado treinador do Sporting Clube de Coimbra o seu antigo jogador Maximino Silva.

♦ Artur Rebêlo, vice-presidente do Estoril Praia, durante um discurso que produziu na Associação Académica de Coimbra, lembrou a justiça de se construir, para os estudantes amigos do desporto, um verdadeiro Estádio. A ideia foi vibrantemente aplaudida.

♦ Mangualde vai festejar a sua entrada em pugnas desportivas. Sabemos que prepara uma festa, em Agosto, com a colaboração de vários desportistas lisboetas.

♦ Rossio ao Sul do Tejo recebeu a visita do Belenenses. Os rapazes de Abrantes perderam por 4-3 — resultado honroso para os vencidos.

♦ Na Póvoa do Varzim, o F. C. do Pôrto ganhou ao Desportivo da Póvoa por 12-0. A exibição dos portugueses agradou muito ao público.

♦ Penafiel recebeu a visita da Académica de Coimbra. A equipa escolar perdeu por 3-1, o que demonstra as possibilidades do grupo visitado.

♦ Vai ser construído um campo de jogos na vila de Azambuja. A fusão dos dois grupos locais parece impor-se. A Câmara Municipal de Azambuja cedeu já o terreno para a construção do campo, estando nomeada a seguinte comissão para concluir as obras respectivas: Frias dos Santos, José Pinto, João Ribeiro Pereira, António Morais e António N. Figueira. Estão por isso de parabéns os desportistas de Azambuja.

## Assine a STADIUM

Ano III — II Série — N.º 135  
Lisboa, 4 de Julho de 1945

**Stadium**  
REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor:  
Dr. GUILHERMINO DE MATOS  
Propriedade da  
Sociedade de Revistas Gráficas, Lda.  
Redacção e Administração  
T. Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º  
Telefone 51145 — LISBOA  
Execução gráfica de  
NEOGRAVURA, LDA. — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

**Stadium**

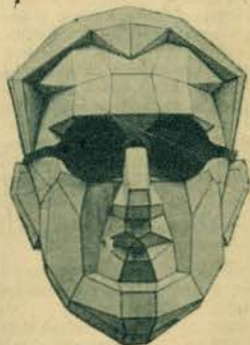
# Stadium na Capital do Norte



**O ANIVERSÁRIO DO VILANOVENSE:** 1 — Na sessão solene comemorativa, Laurindo Grijó profere o seu discurso; 2 — Na parada atlética, os estandartes foram transportados pelos mais valorosos atletas do Vilanovense. **BASKETBALL:** 3 — O Vasco da Gama, campeão Nacional de Juniores (de pé) com o outro finalista, S. C. Olivais. **ATLETISMO:** 4 — Na prova dos 5.000 metros dos regionais, Coutinho Monteiro, que venceu, segue ainda em 3.º lugar.

## JUSTA HOMENAGEM

Os discípulos de Mestre Ermelindo dos Santos ofereceram-lhe no sábado um banquete de homenagem, no qual foram postas em relevo as suas nobres qualidades de carácter e o seu saber de professor de educação física, através de brindes de Lança Moreira, pela comissão organizadora e por «A Bola», Raul de Oliveira, director de «Mundo Desportivo», e Avelar Machado, pela nossa revista. As gravuras focam o agradecimento de Mestre Ermelindo dos Santos e um aspecto da assistência



**GIL  
OCULISTA**

FUNDADA EM 1866  
Deposítaria das lentes 'ZEISS'  
Bínóculos, Termómetros  
Bússolas de marcha, etc.  
Aparelhos de Precisão  
138, RUA DA PRATA, 140  
Telefone 22829 LISBOA